

O ensino da Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás

The teaching of Documentation in the Museum Studies Course at Goiás Federal University

Vânia de Oliveira¹

DOI 10.26512/museologia.v11iEspecial.43685

Resumo

Este artigo propõe refletir sobre o ensino da documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), sediado na Faculdade de Ciências Sociais (FCS), que abriga também os cursos de Ciências Sociais, Políticas Públicas e Relações Internacionais. Neste relato pretende-se traçar uma breve trajetória do ensino da documentação no contexto do Bacharelado em Museologia: a criação, a preservação no Político Pedagógico do Curso (PPC) e as disciplinas dedicadas à documentação nesse contexto. Algumas observações resultantes dos mais de dez anos de existência do Curso, apresentam-se como desafios e oportunidades para pensar o ensino da documentação às futuras museólogas e futuros museólogos formados pela UFG. Ao final propõe-se uma reformulação nas disciplinas que tratam da documentação no Bacharelado em Museologia da UFG.

Palavras-chave

Museologia; Documentação em Museologia; Ensino de graduação; Universidade Federal de Goiás; Projeto Pedagógico de Curso.

Introdução

Em atendimento à chamada para o presente dossiê, imediatamente se impôs a opção pelo segundo eixo temático proposto: falar da “Documentação Museológica no ensino da Museologia, nos níveis de graduação e pós-graduação”, pela vivência de onze anos respondendo pelas disciplinas de documentação do Curso. Fechando um pouco mais o foco, este artigo propõe refletir sobre a docência e ensino da Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), sediado na Faculdade de Ciências Sociais (FCS), que abriga também os cursos de Ciências Sociais, Políticas Públicas e Relações Internacionais. Criado em 2010, ou seja, tendo já completado onze anos,

¹ Vânia Dolores Estevam de Oliveira é museóloga, com mestrado e doutorado em Memória Social pela UNIRIO, e pós doutorado em Artes pela UERJ. É Professora Associada, docente no Bacharelado em Museologia e no Programa de Pós Graduação em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

Abstract

This article proposes to reflect on the teaching of documentation in the Museum Studies Course at the Federal University of Goiás (UFG), based at the Faculty of Social Sciences (FCS), which also houses the courses of Social Sciences, Public Policy and International Relations. This report intends to trace a brief trajectory of the teaching of documentation in the context of the Museum Studies Course: creation, preservation in the Pedagogical Policy of the Course (PPC) and the disciplines dedicated to documentation in this context. Some observations resulting from the more than ten years of existence of the Course, are presented as challenges and opportunities to think about the documentation teaching to future museologists at UFG. At the end, a reformulation is proposed in the disciplines that deal with documentation in the Bachelor of Museology at UFG.

Keywords

Museum Studies; Museum Documentation; Teaching; Goiás Federal University; Museum Studies Pedagogical project.

O ensino de Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás

é o segundo mais jovem curso da unidade acadêmica que integra. Depois dele só foi criado o curso de Relações Internacionais, em 2012.

Neste relato pretende-se traçar uma breve trajetória do ensino da documentação no curso de Museologia da UFG: a criação, a preservação no Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) e a documentação nesse contexto; o viés social que perpassa o curso e suas disciplinas, bem como o perfil do corpo docente; as oportunidades e desafios para pensar e ensinar documentação às futuras museólogas e futuros museólogos formados pela UFG; as alterações na pandemia, a revisão do PPC do curso e as análises das/dos egressas/os, quando chamados a participar e opinar nos eventos de extensão.

Desenvolvimento

O curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás foi criado em 2010 a partir da interação entre professoras e professores da Faculdade de Ciências Sociais e o Museu Antropológico da UFG, representado pela sua então diretora, Profa. Dra. Nei Clara de Lima. O curso desde então está “vinculado academicamente à Faculdade de Ciências Sociais e [tem] suas atividades laboratoriais desenvolvidas nas dependências da Faculdade e do Museu Antropológico” (PPC, 2014: 4). Foi criado na esteira do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), compondo os atuais 14 cursos de graduação em Museologia no país: na modalidade presencial, no turno preferencialmente noturno (para atender a quem trabalhava durante o dia, na área museológica, principalmente), com uma carga horária de 2468 h, entre disciplinas e atividades complementares. Ressalte-se que, em onze anos, o PPC do Curso só teve uma pequena alteração em 2014, sobretudo na quebra de alguns pré requisitos e na redução da oferta de vagas; antes com 50, passou a oferecer 30 vagas em uma única entrada, no início de cada ano letivo.

Quando de sua implantação, a graduação em Museologia tinha por justificativa contribuir para o aperfeiçoamento dos profissionais que já atuavam em museus, atendendo a uma demanda reprimida de profissionais qualificados para atuar nos museus da região. Segundo pesquisas feitas em 2006, “na região Centro-Oeste foram mapeados 126 museus. No Estado de Goiás, outro cadastro realizado pela Coordenação Estadual de Museus registrou a existência de 61 instituições museológicas” (PPC, 2014: 5). Considerando que, pelos levantamentos e mapeamentos realizados até então, “as regiões Centro-Oeste e Norte não possuíam até agosto de 2009 nenhum curso de graduação em Museologia” (PPC, 2014: 6), a criação do Curso de Bacharelado em Museologia em 2010 veio suprir parte dessa demanda, pois poderia formar museólogas e museólogos que pudessem atender a Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins, no mínimo.²

O curso possui hoje uma carga horária total de 2468 horas, sendo possível, em condições ideais, sua integralização em oito períodos letivos, ou quatro anos, dentro de calendários letivos padrões.³ A seguir, na figura 1, vemos a distribuição das horas em respectivas disciplinas e atividades:

2 Com a implantação do REUNI, a Universidade de Brasília criou a graduação em Museologia, que teve início em 2009.

3 Observe-se que paralisações e até a própria pandemia podem acarretar alterações no calendário letivo, fato que vem ocorrendo na pandemia.

Figura I- quadro de carga horária/UFG

ATIVIDADES	HORAS	PORCENTAGEM
Núcleo Comum (NC)	1472	59,64
Núcleo Específico Obrigatório (NEOb)	384	15,56
Núcleo Específico Optativo (NEOp)	384	15,56
Núcleo Livre (NL)	128	5,19
Atividades Complementares (AC)	100	4,05
Carga Horária Total (CHT)	2486	100,0

Fonte: PPC/UFG, 2014, p. 18

No quadro acima, compo o Núcleo Comum, encontram-se as quatro disciplinas obrigatórias voltadas diretamente para as ações de preservação: Salvaguarda Patrimonial I a IV, ofertadas às/aos estudantes matriculados a partir do segundo período, em semestres alternados. Para o ensino da documentação de acervos museológicos, temos respectivamente as disciplinas de Salvaguardas Patrimonial I e III, que se alternam com a II e a IV, voltadas para o ensino de conservação. Suas ementas e bibliografias seguem abaixo (UFG, 2014. p. 27-28):

Salvaguarda Patrimonial I - Documentação Museológica

Ementa: Documentos: conceito, tipos e funções. Conceito e gerenciamento da informação. O tratamento e a gestão documental de coleções e acervos. Técnicas de registro: inventário, catalogação, classificação e indexação de acervos. Vocabulário controlado. A ficha catalográfica, o livro de tombo, a numeração, a marcação, a medição, etc. O controle do trânsito de acervos dentro e fora da instituição. A evolução das modalidades de controle face às mudanças do conceito de objeto museológico.

Bibliografia geral:

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Páginas 78 a 108.

ROBREDO, Jaime. *Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas*. 4. ed. Brasília: Edição de autor, 2005.

SMIT, Johanna W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia – O que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000.

Bibliografia Complementar:

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva*, v.8, n.4, p.3-8, 1994.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 1, n.3, jun. 2000.

CERÁVOLO, Suely; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento e organização de informações documentárias em mu-

O ensino de Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás

seus. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 10, p. 241-253, 2000.

CINTRA, Anna Maria Marques; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; LARA, Marilda Lopes Ginez; KOBASHI, Nair Yumiko. *Para entender as linguagens documentárias*. 2 ed. São Paulo: Polis, 2005. SMIT, Johanna W. *O que é documentação*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 83 p. (Coleção Primeiros Passos, n. 174).

Carga horária: 64 h, sendo 75% teórica e 25% prática

Salvaguarda Patrimonial III - Registro e Sistemas de Gerenciamento da Informação Aplicados a Museus e Patrimônio

Ementa: O processo de automação em museus, a teoria dos sistemas, a aplicação das novas tecnologias ao gerenciamento da informação em museus. Registro e sistemas de gerenciamento da informação aplicados a museus e patrimônios. O registro e a documentação do patrimônio imaterial. Os bancos de dados e as informações em rede. Prática de documentação.

Bibliografia Básica

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Francisca. Museología como Ciencia de la Documentación. In: LÓPEZ YEPES, José (Coord.). *Manual de Ciencias de la Documentación*. 2 ed. Madrid: Ediciones Pirámide, 2006. 742 p. p. 159-178.

OTLET, Paul. *El Tratado de Documentación*. - El libro sobre el libro - Teoría e Práctica. Traducción María Dolores Ayuso García. Bruselas, Ediciones Mundaneum, Palais Mondial, Imp. Van Keerberghen & fils, 1934.

TORRES, Maria Teresa Marín. *Historia de la documentación museológica: la gestión de la memoria artística*. Espanha: Ediciones Trea, 2002.

Bibliografia complementar

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mudança estrutural no fluxo de informação e do conhecimento: a comunicação eletrônica. *Ciência da Informação*, v.27, n.2, p.122-127, maio/ago., 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/barreto.pdf>> Acesso 7 jan 2013.

CADERNO de diretrizes museológicas I. 2ª. Ed. Brasília: Ministério da Cultura / IPHAN / DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus. 2006.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. *Museus: Aquisição/Documentação*. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

FERREZ, Helena Dood; BIANCHINI, Maria Helena S. *Thesaurus para acervos museológicos*. v. I. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória. Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987.

SMIT, Johanna W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia – O que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000.

Carga horária: 64 h, sendo 75% prática e 25% teórica

Para a conservação, são também duas únicas disciplinas, com mesma distribuição de carga horária teórica e prática. Fora isso, apenas os estágios obrigatórios e voluntários – permitidos e estimulados a partir do segundo período - propiciam a experiência prática na área de preservação de acervos.

No início do Curso, por motivos outros que não vem ao caso agora, havia duas professoras concursadas para ministrá-las preferencialmente. Eram duas museólogas, de gerações diferentes e trajetórias bem distintas e, certamente, com suas visões particulares sobre a Documentação. Isso, evidentemente, ocasionou alguns conflitos e disputas, que findaram por ser contornados. Contudo, desde 2014, com a remoção de uma das professoras para outra Instituição Federal de Ensino Superior, na atualidade há tão somente uma docente que responde por essas disciplinas, sendo substituída por algum(a) colega efetivo(a) ou substituto(a) nas suas ausências eventuais, para pós doutorado ou licença capacitação, por exemplo. Se por um lado a ausência de ‘disputa’ pela ministração das disciplinas trouxe mais tranquilidade, por outro, cedeu lugar à ausência de diálogo interpares e de outras possibilidades de trocas, como bibliografias e experiências, além de parcerias.

Desde a idealização e elaboração do PPC do Curso, o Museu Antropológico (MA) da UFG colocou-se como potencial laboratório para várias disciplinas e campos de conhecimento.

A fim de garantir a convivência intelectual profícua entre estudantes e professores de áreas afins, como Ciências Sociais, Filosofia e História e dos demais cursos e atividades da UFG, as disciplinas de cunho teórico, e algumas práticas, serão oferecidas no Campus Samambaia e, as de teor prático serão ministradas no Museu Antropológico, de modo que seus acervos, laboratórios, exposições e demais áreas de atuação possam se constituir em laboratórios das disciplinas práticas requeridas num curso desta natureza (UFG, 2014, p. 4).

Essa convivência tem sido uma via de mão dupla, como se projetou inicialmente. Tanto a formação de futura(o)s museóloga(o)s, quanto os serviços técnicos do MA têm sido beneficiados por esse compartilhamento de espaços. Vários exemplos podem ser citados para enfatizar o quanto essa parceria tem sido frutífera. Aqui, destaque-se dois. Primeiro, a criação, em 2011, da coordenação de Integração entre o MA e o Bacharelado em Museologia, cargo exercido sempre por docente do Curso, com dedicação de 20h semanais ao Museu. Como segundo, dentre inúmeros outros exemplos, a aprovação do projeto “Tratamento técnico e disponibilização do acervo iconográfico e documental do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás” na Chamada Pública Universal 14/2013 do CNPq.⁴ Esse projeto tratou parte do acervo documental do MA, adquiriu módulos de arquivos deslizantes para a atual Reserva Técnica Documental do Museu, e propiciou a participação de duas docentes e duas discentes do Curso no Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UFG (PIBIC/PIVIC), que foram diretamente envolvidas com esse projeto.

No que se refere à carga horária, algumas características peculiares ao Bacharelado em Museologia da UFG, podem explicar, em parte, as poucas horas dedicadas ao ensino da preservação de acervos. A vinculação à Faculdade de Ciências Sociais, deu o tom e o viés social que perpassa o PPC e disciplinas que o integram. Outra razão, tem sido o perfil que acabou por constituir o corpo

4 Proposto e coordenado pela autora deste artigo e pela Profa. Vera Wilhelm, responsável pelas disciplinas de conservação.

O ensino de Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás

docente, composto por nove professores, com as seguintes formações, no total de nove docentes, todos doutores, exceto um que está concluindo o doutorado nos próximos meses: uma museóloga por graduação; seis historiadores (as), sendo duas com doutorado em Museologia; uma arquiteta e restauradora, com especialização em Museologia e um é graduado em design gráfico e artes visuais, com sua ligação com a Museologia estabelecida pelo mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Desde 2014, toda(o)s professoras(es) substituta(o)s tem sido museóloga(o)s, com graduação ou pós graduação em Museologia.⁵

Apesar da reduzida carga horária dedicada às atividades de documentação e conservação do acervo, bem como ao baixo número de docentes especialistas nesses temas, alguns pontos positivos podem ser apontados. Nos editais de concorrência ao Programa de Iniciação Científica, em dez anos, o Bacharelado em Museologia teve sete planos de trabalho recomendados, sendo quatro diretamente relacionados à temática da documentação de acervos museológicos, aprovados nas três edições em que concorreram. Essas experiências na iniciação científica resultaram em publicações e/ou apresentações de comunicação em eventos.⁶ Vale ressaltar também que na última edição do mencionado Programa, houve a participação de pesquisadoras externas à UFG⁷, na coorientação dos planos de trabalho, sendo uma delas, ligada à Universidade do Porto. Essas parcerias resultaram em ser muito profícuas e propiciaram a internacionalização, já em nível de graduação.

Verificou-se também que nos 78 TCCs disponibilizados na página da FCS, elaborados entre 2014 e 2016, temos que sete deles são voltados para a temática da documentação:

1. Relato de uma experiência em processo e proposta de Sistema de Documentação Museológica para coleção particular - Aluane de Sá da Silva (2013)
2. Políticas de Acervos em Museus: Uma Estratégia para o Gerenciamento de Acervos Museológicos - Mana Marques Rosa (2013)
3. Uma Casa Guarda Muitas Coisas: uma proposta de estruturação das fichas de registro como forma de compor a documentação museológica do Museu Pedro Ludovico - Iara Ribeiro Regiani (2014)
4. Rumo à Musealização do Objeto: O ampliador Fotográfico de Alois Feichtenberger - Daniela Barra Soares (2015)
5. Museu Antropológico da UFG - Uma trajetória de Eventos e Mudanças. O Primeiro Acervo, Sua Documentação e Equipe e Inventário - Luciano Costa Jucá (2015)
6. A Documentação Museológica de Coleções Arqueológicas: desafios e possibilidades - Cristina Valéria Oliveira da Silva

5 Não foram mencionados seus doutoramentos porque o objetivo no texto é enfatizar a relação mais direta com a Museologia mas todo o corpo docente efetivo possui titulação de doutor(a), exceto um que está terminando o doutorado.

6 Além das participações obrigatórias nos Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão – CONPEEX, realizados anualmente na UFG, os resultados dos planos de trabalho PIBIC foram apresentados como comunicação em vários eventos, a saber: I Seminário Brasileiro de Museologia – Sebramus (2014), IV Seminário da Rede de Educadores em Museus de Goiás (2013), III Sebramus (2017). Dois deles foram publicados como artigos (OLIVEIRA, 2014; FERREIRA & OLIVEIRA, 2018). Há uma outra publicação de artigo em periódico especializado, submetida e aguardando aprovação.

7 Dra. Josiane Kunzler, pela Fundação Araporã, em Araraquara, SP; e Dra. Clotildes Avelar Teixeira, pelo CITCEM, da Universidade do Porto, Portugal

7. Imagens e Retratos dos Festejos do Divino: uma proposta de sistema informativo documentário para a Reserva Técnica Documental do Museu Antropológico da UFG - Vanessa Ferreira de Almeida Resende

Essa amostra representa menos de 1% do total. Pouco? Talvez sim, numericamente, mas expressivos se considerarmos o pouco contato que as/os discentes têm com a documentação, em apenas dois semestres e até a metade do curso. Não é difícil supor que tal número cresceria bastante se houvesse mais contato com o assunto ao longo do curso.

Apontamentos de uma docente

Os apontamentos a seguir, refletem a opinião pessoal, a partir da própria vivência e observação, não sendo ainda fruto de uma pesquisa/enquete mais elaborada e sistematizada junto ao corpo docente, discente e entre egressa(o)s da instituição de ensino superior. Por isso, toda e qualquer crítica e/ou sugestão ao texto, será bem vinda. Tais reflexões, motivadas pela proposição do presente dossiê, vem também a calhar, uma vez que o NDE do Curso, do qual faço parte, está pensando e trabalhando arduamente na revisão do seu Projeto Pedagógico. Parte-se do princípio, concordando com a chamada para este dossiê, “que a documentação museológica é parte da cadeia operatória da Museologia, envolvendo políticas, processos e procedimentos que visem a preservação e salvaguarda de referências culturais materiais e imateriais”. Portanto, não está dissociada de seu contexto institucional, do panorama político de cada momento, do país e da cidade onde se situa o museu ou instituição congênera e, conseqüentemente, de suas qualidades, potencialidades, e de seus problemas. Possui, portanto, relevante função social.

Sob a perspectiva da função social, temos vários elementos no próprio conceito da Documentação, que a sustentam e justificam. O conceito da Federação Internacional de Documentação - FID, que nos traz Juan Antonio Martínez Comeche, afirma que Documentação é “la colección, almacenamiento, clasificación, selección, diseminación y utilización de toda la información» (COMECHE, 1996, p. 9).⁸ Ao partir dessa definição, ele mesmo deduz que:

1) La documentación está muy vinculada a la información; 2) La documentación comporta un tratamiento al que sometemos la información para facilitar su recuperación y difusión; y 3) Este tratamiento consta de varias operaciones o fases, lo que permite considerar la documentación como un proceso (COMECHE, 1996: 9)⁹.

Johanna Smit, em texto de 1986, em sua primeira edição, recheado de referências e críticas nada veladas à situação política do país, que atravessava a então chamada fase de redemocratização, ou de “abertura lenta, gradual e contínua”, assim explicita “uma primeira definição de documentação, diferenciando-a do conceito de biblioteca, segunda a qual a biblioteca organiza os próprios

8 Em tradução livre: a coleção, armazenamento, classificação, seleção, disseminação e utilização de toda informação.

9 Em tradução livre: 1) A documentação está muito vinculada à informação; 2) A documentação compreende um tratamento a que submetemos a informação para facilitar sua recuperação e difusão; e 3) Este tratamento consta de várias operações ou fases, o que permite considerar a documentação como um processo.

O ensino de Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás

documentos (ou seja, seu “acervo”), ao passo que a documentação organiza as informações relacionadas a um assunto, sem restrições quanto ao acervo” (1987, p. 10). Ela segue pontuando as diferenças entre biblioteca e documentação e chega à seguinte definição:

Em suma, falar de documentação leva a pensar em termos de informação, não se restringindo à ideia dos documentos fisicamente presentes na biblioteca, e supõe também uma especialização em um assunto, já que seria perfeitamente utópico querer organizar toda a informação em todos os campos do conhecimento. Digamos que a documentação tem por objetivo reunir todas as informações úteis em **um assunto**, e organizar aquilo tudo **de tal forma que seja possível achar a informação certa no momento certo e pelo menor preço possível** (SMIT, 1987, p. 11).¹⁰

Finalmente, temos a definição de documentação de acervos museológicos (note-se que ela usa essa expressão como sinônimo da expressão documentação museológica), da mais museóloga das bibliotecárias, Helena Ferrez (1994), muito difundida e obrigatoriamente utilizada em textos e em aulas:

A **documentação de acervos museológicos** é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar [...] as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994: 64).

Por essas três definições (e há várias outras), vê-se que a difusão da informação está na extremidade final do processo, o que implica em abertura e acessibilidade que, por sua vez, resvala obrigatoriamente no direito à informação. Tem-se, portanto, que a documentação pressupõe posição ideológica e políticas públicas que favoreçam esse direito; implica no reconhecimento de que os vários segmentos da sociedade devem ter acesso à informação “certa no momento certo e pelo menor preço possível”, sobre assunto de seu interesse. Impossível não falar no social, do mesmo modo que não é possível desconsiderar o tanto de sustentação teórica, reflexão e posicionamento ideológico que a prática da Documentação exige. Escusado é dizer que a documentação de acervos museológicos não consiste apenas no aprendizado e prática do preenchimento de fichas e/ou inserções de informações em bases de dados.

Mesmo sem poder aprofundar a discussão, que seria tema para outro artigo, a terminologia é uma questão básica em todas as áreas do conhecimento. Na Documentação de acervos museológicos, não é diferente e aí ela é potencializada, devido a diversos fatores. Entre eles, destaque-se que as preocupações sistematizadoras são recentes. Suely Cerávolo e Maria de Fátima Tálamo, apoiadas em Olcina (1986) nos lembram que “embora tida como uma atividade tão antiga quanto as instituições que a abrigam, a documentação de museus desenvolveu-se lentamente, ficou à margem ou à deriva durante muito tempo, realizada sem método e considerada como a “parente pobre” dentre as atividades dessas instituições” (OLCINA, 1986, p. 307 apud CERÁVOLO y TÁLAMO, 2000, p. 241). Preocupações com a definição e uso apropriado da terminologia, integram discussões mais recentes ainda. Uma dessas discussões versa sobre a utilização da expressão ‘documentação museológica’, que já vemos na literatura

10 Grifos da autora

publicada (MONTEIRO, 2012; CARVALHO & SCHEINER etc.) que se afigura inapropriada. Assim denominada, levaria a pensar em uma documentação especificamente voltada para o tratamento técnico dos acervos/objetos/documentos museológicos, como é entendida comumente; uma restrição inadequada quando se pensa em documentação e informação. Mais adequado seria falar em documentação em Museologia, que vai muito além dos objetos. Contudo, essa é uma reflexão ainda a ser aprofundada.

Cerávolo e Tálamo (2000), fazem uso tanto de documentação de museus, quanto de documentação em museus: Elas mencionam que Yvonne Oddon, nos anos sessenta do século XX, vai preferir a expressão documentação museográfica, referindo-se especificamente ao fazer prático da Museologia.

Cerávolo e Tálamo apontam a confusão terminológica como uma das ausências “de princípios documentários em museus”, afirmando que “há no âmbito da documentação de museus ações que são por natureza *documentárias*, e, caso não estejam conceituadas, corre-se o risco de emprestar palavras da Documentação, sem, no entanto, conhecer o seu conteúdo conceitual” (2000, p. 247). As autoras citam alguns exemplos, coletados na bibliografia específica, sobretudo em relação ao termo catalogação e catálogo, que se reproduz abaixo, a título de ilustração:

Ao ‘catálogo’ se atribuem diferentes conotações: fichários onde ficam as fichas, idealmente com certo grau de padronização da linguagem [...]; livro de registros [...]; fichário simples (análogo às fichas de cabeçalhos em bibliotecas [...]); a documentação de toda a coleção (fichas e outros documentos) arranjada em alguma sequência que não a numérica; ; lista simples ou múltiplas das quais constem o registro de cada objeto (CERÁVOLO & TÁLAMO, 2002, p. 248).

Neste artigo, como já se afirmou, não cabe discutir ou alimentar a discussão em torno da expressão documentação museológica. Por ser a Documentação uma ciência ou área do conhecimento que se dedica a organizar, tratar e difundir as informações contidas nos documentos de qualquer espécie, a expressão citada parece propor que existe uma Documentação especificamente referida e praticada na Museologia. Por não acreditar nisso, prefiro e defendo que no próximo PPC do Curso de Bacharelado em Museologia seja usada a expressão Documentação em Museologia. Da mesma maneira, acho que o debate da questão terminológica também deve ser levado para o PPC, para que nossa(o)s egressa(os)s saiam do curso, no mínimo conscientes dessa problemática.

Por essas e outras questões, apresenta-se como fundamental e necessário aumentar o número de disciplinas que tratem da temática documentação e informação, mais especificamente no aumento da carga horária devotada às atividades práticas, sem prejuízo da teoria mais fundamental. A teoria e a prática de documentação aparecem reunidas nas 64 horas da Salvaguarda Patrimonial I, em que faltam também conceitos basilares do trabalho de Documentação em Museologia, como memória e patrimônio. Faz-se necessário detalhar e discutir os conceitos de documentação e informação - que não são uma unanimidade-, apresentando as várias correntes teóricas. Tal como posto no atual PPC, os conceitos de documentação e informação parecem fundir-se nas duas disciplinas e na segunda, Salvaguarda Patrimonial III, mais voltada para o conceito de informação, não fica explícito o posicionamento do curso por uma ou outra corrente, nem porquê. Que não viesse na ementa, é compreensível, mas o texto

O ensino de Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás

do PPC deve frisar as opções didáticas e metodológicas eleitas. Nessa disciplina, também com carga horária de 64 horas, a prática de documentação consta na ementa e, embora não fique claro, o percentual de aulas práticas deve ser de 75%, ou seja, a ementa não reflete a necessária ênfase na carga horária dedicada à prática.

Por todo o exposto, considera-se insuficiente a carga horária do curso dedicada às disciplinas de documentação. Sugere-se, no mínimo, três disciplinas de 64 horas, que dariam conta com mais propriedade, com aumento das horas de atividades práticas, com a simplificação da carga de leitura. Outros mecanismos podem ser incorporados ao PPC, visando corrigir e aprimorar essa característica deficitária do corpo discente do curso. Por exemplo, inserção de disciplinas optativas voltadas para a leitura, interpretação e escrita de textos acadêmicos.

Aqui, a análise comparativa é inevitável. Ao buscar referências dos cursos de Museologia mais antigos, tem-se que, na UNIRIO são ofertadas quatro disciplinas que dão conta da Documentação e Informação, a saber: Análise da Informação e Introdução à Ciência da Informação (indiretamente relacionadas), Informação e Documentação museológica I e 2, totalizando 240 horas (UNIRIO, 2010, p. 89-91); e na UFBA, quatro: Tecnologia da Informação, Arquivística (indiretamente relacionadas, embora não tenha sido possível o acesso às respectivas ementas) e Documentação museológica, e Laboratório de Documentação, totalizando uma carga horária de 289 horas (UFBA, 2010, p. 13-18). Para quem já teve experiência com estudantes de Museologia da UNIRIO em estágio voluntário, curricular ou remunerado, tanto na área de documentação como de conservação – como é o caso de quem escreve este artigo -, essa carga horária fazia com que tais estudantes chegassem ao estágio com uma forte base teórica e prática, aptos a debaterem com profissionais com larga experiência e a realizarem um trabalho com alto nível de qualidade.

Outro ponto a ser tratado com especial atenção é a revisão da bibliografia utilizada nas duas disciplinas, tanto pela defasagem de mais de dez anos, como pela adequação à realidade da média dos estudantes que ingressam no curso a cada ano. Devido, talvez, à baixa nota de corte para aprovação e ingresso no curso de Museologia da UFG, uma parcela desses/dessas estudantes apresenta algum grau de dificuldade na leitura e interpretação de textos. Um corpo discente não afeito à leitura e com dificuldades de compreensão de textos, torna-se um fator complicador em uma área de conhecimento em que ler constitui ato indispensável. Outro fator associado à baixa nota de corte, é que muita(o)s estudantes optam pelo Bacharelado em Museologia como porta de entrada na Universidade, contando com a possibilidade futura de mudança de curso. Isso acarreta, aliado às dificuldades de leitura, desinteresse pelos textos indicados, com as exceções naturalmente. Já perdemos excelentes aluna(o)s de Museologia, por serem aprovados no exame interno para mudança de curso, que ocorre anualmente.

Ao se comparar a bibliografia indicada no PPC, com a realidade de estudantes, constata-se que alguns textos, além de serem longos, apresentam muita complexidade, sobretudo para os períodos iniciais da graduação; alguns textos e até livros inteiros são indicados em francês e espanhol - como Paul Otlet, por exemplo -, quando há substitutivos muito bons em artigos de periódicos e em português, mais atuais e acessíveis pela internet. Claro que em dez anos o cenário de publicações disponíveis sobre documentação e temas correlatos

aumentou muito e isso se afigura promissor no momento de revisão do PPC. Nesse sentido, aliar à bibliografia padrão indispensável, os recursos audiovisuais, como desenhos animados¹¹; os contos literários, como o instigante “Memória do Mundo”, de Ítalo Calvino (2001), tem se mostrado grandes facilitadores no processo de ensino aprendizagem, de grande auxílio na assimilação dos conteúdos já mencionados e basilares para o ensino e o trabalho com a documentação, além de trazer para o debate as questões éticas e sensíveis que envolvem.

Esses breves apontamentos foram baseados na prática docente, nas avaliações feitas ao final de cada disciplina, nas conversas com alunas e alunos que se transformaram em amigas e amigos e nos comentários e análises das/dos egressas/os, quando chamados a participar e opinar nos eventos de extensão promovidos pelo curso, a exemplo da Jornada Museológica¹² de 2021. A reivindicação por maior carga horária prática foi algo que apareceu repetidas vezes nas falas das museólogas e museólogos convidada(o)s.

Considerações finais

Pensar e escrever este artigo no justo momento em que se faz a revisão do Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás, sediado na Faculdade de Ciências Sociais, traz enormes desafios mas vislumbra oportunidades para pensar o ensino da documentação às futuras museólogas e futuros museólogos formados pela UFG.

De maneira alguma intenta-se condenar a prática do ensino da documentação de acervos museológicos na graduação em Museologia da UFG. Seria até uma atitude auto condenatória, visto que, além de ministrar as respectivas disciplinas durante todos esses anos, a autora deste também integra o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso desde o ingresso como docente da Universidade. Trata-se, na verdade, de uma auto avaliação. Apesar do trabalho feito - que sempre buscou oferecer o melhor - e dos bons frutos colhidos, inclusive motivando estudantes para a elaboração de TCCs sobre temáticas da documentação, conforme citados acima, sempre é possível e necessário mudar, adequando-se aos novos tempos e circunstâncias.

Observa-se nesses onze anos que os planos de trabalho voltados para as ações de documentação vêm sendo aprovados nos concorridos editais PIBIC, denotando que a temática desperta interesse, tanto para os propósitos acadêmicos, quanto para atrair discentes para a iniciação científica. Ressalte-se que na edição de 2020-2021 (no auge da pandemia) houve muita concorrência para ocupar as vagas de bolsistas dos planos de trabalho contemplados de IC, não só a que foi contemplada com bolsa, mas as de caráter voluntário também. Verifica-se também, ao longo de todos esses anos que, entre a(o)s egressa(o)s, um número considerável deles e delas dedica-se à especialização profissional nessa área de atuação da Museologia, motivados em parte, certamente, pelo contato com a área nas respectivas disciplinas.

Para finalizar, há que se relatar algumas alterações que se fizeram imperativas durante a pandemia de Covid-19. Com as aulas na modalidade remota

11 Destaque para a animação “La maison em petites cubes” de Kunio Kato (2008) ganhadora do Oscar de melhor animação de 2009. Essa indicação que foi um presente da orientanda de doutorado em Performances Culturais, Genilda Alexandria. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O_2Sc8fD_Kc>. Acesso 10 mar. 2022.

12 Evento bienal do Bacharelado em Museologia, já em sua quarta edição. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=b4IN778IGIs&t=5s>. Acesso 10 mar. 2022.

O ensino de Documentação no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás e para não prejudicar discentes no cumprimento da grade curricular do curso, foram feitas adaptações na ministração das disciplinas de documentação. Houve uma redução significativa na carga de leitura e de conteúdo teórico, dando-se mais ênfase ao conteúdo prático, desenvolvido por cada estudante em sua própria casa, de modo improvisado, com objetos pessoais e com material adquirido por cada uma e cada um, conforme indicações em aula. Isso resultou em aulas mais agradáveis, com maior participação discente, com melhores comentários na avaliação e, mais importante: índice maior de aproveitamento.

No ano pandêmico de 2020, o Curso de Bacharelado em Museologia da UFG completou dez anos de existência. Apesar das lamentáveis e muitas perdas de vidas no país (muitas delas evitáveis), para o Curso foi um momento de comemoração, de rememoração e de balanço e avaliação dos pontos fortes e fracos dessa trajetória. Isso passa naturalmente, pela revisão de seu Projeto Pedagógico de Curso, com vista à sua melhoria, para eliminação ou redução do que tem se mostrado negativo, e para o aperfeiçoamento do que tem resultado em acerto. No momento em que o NDE está empenhado na revisão atenta e cuidadosa do PPC, a análise e os apontamentos aqui alinhavados, já visam contribuir com esse trabalho, abrindo também às leitoras e leitores a oportunidade de criticar e opinar.

Referências

CALVINO, I. A memória do mundo. In: _____. *Um general na biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 127-133. CARVALHO, L. M.; SCHEINER, T. Reflexões sobre museologia: documentação em museus ou museológica?. . Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/189036>. Acesso em: 11 mar. 2022.

CERÁVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 10: 241-253, 2000.

COMECHÉ, Juan Antonio Martínez. El proceso informativo-documental. In: LOPEZ YEPEZ, José. *Manual de información y documentación*. Madri: Pirámide, p. 29-47, 1996.

FERREZ, HELENA DODD. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *Estudos museológicos*. Rio de Janeiro: IPHAN, , p. 64-74, 1994.

MONTEIRO, Juliana. *Documentação em museus e objeto documento: sobre noções e práticas*. São Paulo: J. Monteiro, 2014. 177 p.: il. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo. Orientadora: Marilda Lopes Ginez de Lara.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Museologia*. Goiânia: 2014. Disponível em: https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CEPEC_2014_1310.pdf. Acesso 4 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Proposta de alteração da matriz curricular do curso de Museologia (turno integral) e de implantação do curso de Museologia no turno da noite*. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <http://www.unirio.br/prograd/ppc-dos-cursos-de-graduacao/PROJETOMuseologia2014Cpia.pdf>. Acesso 4 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Museologia*. Salvador: 2010. Disponível em: http://www.museologia.ffch.ufba.br/sites/museologia.ffch.ufba.br/files/projeto_pedagogico_curso_de_museologia.pdf. Acesso 4 mar. 2022.

SMIT, Johanna W. *O que é documentação*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, . 83 p. 1987. (Coleção Primeiros Passos, n. 174).

Recebido em abril de 2022

Aprovado em junho de 2022

